

ARTIGO

Mayombe e A geração da utopia: um olhar literário sobre as marcas da guerra e do colonialismo em Angola

GILVAN SANTOS GONÇALVES¹
NAYARA DA SILVA QUEIROZ²



RESUMO: Este estudo tem como objetivo fazer uma proposição teórica e reflexiva a partir das vertentes social e literária nas obras *Mayombe* e *A Geração da Utopia*, do escritor angolano Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela. O enfoque consiste nas marcas literárias que identificam o colonialismo, a guerra e a resistência do povo angolano, no qual representam um ensaio engajado de libertação política e cultural. Como referencial teórico-metodológico, buscaremos analisar a literatura a partir das lentes teóricas de Mata (2001), Paiva (2012), Pimenta (2012), dentre outros, que buscam evidenciar os entrelaçamentos sociais e literários a partir da realidade vivida por quem escreve e conhece sobre a importância dos locais de produção. Assim, diante da desigualdade social, regime totalitário e corrupto, mostraremos uma perspectiva sobre o vasto processo de desilusão que quase não deu exílio ao povo Angolano.

PALAVRAS- CHAVE: Literatura; Representação Social; Liberdade.

¹ Mestrando em Letras (Teoria Literária) na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura da Educação Básica. (E-mail: gilvansantosg@outlook.com.br)

² Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES/ RS. Professora da Educação básica e Supervisora de Língua Inglesa do Núcleo de Línguas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/ NUCLIN. E-mail: nayaraqueiroz01@hotmail.com

Introdução

Este artigo pretende discutir e analisar as marcas e evidências da cultura, identidade e resistência do povo angolano sobre os aspectos que enfocam as marcas literárias que identificam a guerra em Angola, o colonialismo, e a resistência do povo, no qual representa um ensaio engajado de libertação política e cultural. Dessa forma, é de interesse analisar as obras *Mayombe* (1980) e *A Geração da Utopia* (1992), de autoria do escritor angolano Pepetela, destacando características sociais que por meio da literatura se expressam buscando observar a necessidade da confecção de uma cultura engajada já que se faz determinante no processo de reconstrução de identidade nacional e cultural de um povo, além de ser denunciadora e defensora dos interesses da nação, mais especificamente, das pessoas que se encontram às margens da sociedade e dos postos de referência social e cultural.

Apresentando a análise pretendida, buscaremos analisar a partir das vertentes social e literária, a experiência dos guerrilheiros angolanos na luta pela independência de Angola, a busca pela identidade nacional, já que a o enredo das respectivas obras procuram evidenciar as diferentes visões daqueles momentos em que se gestavam os sonhos e anseios da libertação do sofrido povo angolano.

A referida obra é impregnada de diálogos, em que as ideias são desenvolvidas e estendidas por cada personagem através da oralidade (marca linguística que dominava as culturas tradicionais africanas na época e até hoje), caracterizando assim o caráter subversivo da obra, pois durante o período colonial havia uma política rígida e violenta de controle da disseminação das ideias anticoloniais, principalmente através da escrita.

O principal pano de fundo é uma guerrilha de libertação, em que os ideais de mudança apontam para a necessidade de ressignificação dos valores tipicamente africano, bem como a desconstrução da dominação política e cultural do passado colonial português, numa clara intenção de repensar os valores nacionais e identitários. A identificação dos indivíduos como parte de um determinado grupo, estabelecem dinâmicas de exclusão, e inclusão, permitem a definição de “nós” e, ao mesmo tempo, caracteriza como distinto os “outros” e para com o outro.

A identidade complementa-se através da comparação com outros grupos, no sentido em que se desenvolve um processo de avaliação positiva das suas características, por oposição, exacerbação das diferenças e desvalorização das características atribuídas aos outros. Para Pepetela, a luta travada quando das guerrilhas de libertação não é puramente racial, mas principalmente ideológica entre reacionários e revolucionários.

Assim, a luta que se trava não é contra o homem que vive na colônia, mas contra as ideias retrógradas e alienadas que ele representa. O autor, em seus textos, principalmente em *Mayombe*, usa o fato da colonização como aprendizado de algo que deve ser desconstruído; algo para tirar como lição e almejar um sistema político diferenciado, baseado em ideologias libertárias e democráticas.

Já no romance *A Geração da Utopia* (1992), Pepetela apresenta três décadas de vida de uma geração que possuía um projeto utópico para Angola, mas que não foi inteiramente atingido. Entrelaçando as vidas dos personagens a várias situações da História social de Angola, é exibido um panorama de sonhos e de falhanços, tanto no nível subjetivo quanto no sociológico, da utopia que nasce de um sonho de liberdade, passando pelos problemas da luta e pela realização deste sonho, à distopia de uma realidade diferente do previamente imaginado há o papel de tipos intelectuais e como eles contribuíram ou deixaram de contribuir no projeto de construção da Angola do fim do século XX.

Nesse romance, Pepetela estabelece duas utopias para Angola: um país livre com uma sociedade igualitária e uma arte dirigida para o povo, como parte do projeto de construção nacional, mantendo a liberdade artística do autor. Ainda na obra literária, ele, enquanto autor e ator, no processo histórico do seu país, consegue através de um misto de subjetividade mostrar diferentes viagens interiores de alguns personagens e a suposta objetividade de alguns aspectos da trajetória da história recente de Angola, apresentar uma leitura justamente desse processo. Isso se dá por meio de uma escrita literária que envolve o leitor pela sua eficiência produtiva em termos romanescos e históricos.

A opção pela literatura próxima da narrativa histórica é um bom ponto de partida para se compreender as relações que formam o mosaico angolano: as contradições de um país rico, mas dilapidado por séculos de colonização e décadas de guerra civil, que resultaram em um povo pobre, marcado pelo sofrimento decorrente das mutilações físicas, sociais e econômicas, mas que persiste em sua busca por afirmação no cenário africano contemporâneo.

A leitura e a análise de cada uma das partes do romance, associada aos estudos da história do país (preferencialmente não apenas da história oficial), nos possibilita traçar um rico estudo sobre a história recente de Angola a partir da visão literária de Pepetela, além de entendermos a trajetória histórica da última metade de século XX em Angola.

Tendo este panorama como uma grande colcha de retalhos que forma a tessitura deste texto, a seguir, apresentaremos as seções que costumam e entrelaçam nossas ideias propositivas.

Os valores ideológicos e políticos da literatura africana

A literatura por estabelecer relações com o momento histórico, de certa forma, contextualiza o momento em que ela se insere. Sendo assim, a literatura africana traz como panorama, discussões ideológicas e políticas, em especial, no país Angola que aborda aspectos pertinentes na construção dessa identidade cultural, como meio de valorizar seu povo, seus escritores em um cenário pouco amigável.

Os valores ideológicos e políticos expressos na literatura africana devem ser encarados como descobertas, prontas para serem exploradas nos seus diversos textos em prosa ou versos que diante de um cenário cultural servem como fontes de culturas, dialetos, costumes de uma nação bem diversificada. Ter o conhecimento histórico e ideológico é um bom caminho para se conhecer

seus ideais e sofrimentos no período do colonialismo português, inclusive suas guerras internas, e problemas sociais.

As literaturas em língua africana desse período, quer sejam orais ou escritas, carregam tendências, deixam-se captar segredos de outrem. Inclusive literaturas *ajami* (a língua hauçá e outras escritas com caracteres árabes) que debocham com comentários irônicos, “daqueles que imitam o branco”, daqueles que falam a sua língua sem conhecê-la, maldizem as mulheres que se desnudam sem pudor.

As elites culturais consideram em suas obras e colocam as sociedades africanas em guarda, diante da perda dos valores essenciais e da despersonalização resultante. A hesitação das elites de formação tradicional, frente aos graves perigos do seu tempo, encontra-se expressa em suas obras literárias e artísticas, nos provérbios, nas cantigas e canções de sua criação ou de sua inspiração.

[...] são textos em que as figuras do herói surgem como construções simbólicas da História – porque entendidas como preservadoras e amplificadoras do significado simbólico do facto – que funcionam como propulsoras do projeto nacionalista para que o país já deu os melhores filhos (...). (MATA, 2001, p. 25).

Diante das ideias do autor, é importante considerar que o povo africano encontrava-se com a necessidade de preservar suas raízes, suas línguas e literaturas, o preservar de laços íntimos e insolúveis com o passado perdido e as gerações passadas. Essa eloquência e a poesia talvez constituam gêneros literários que mais facilmente se adaptaram à tradição local, pois a África sempre teve poetas, oradores e autores de canções. No encontro entre as tradições poéticas nativas e as novas formas importadas do mundo ocidental segregou o contato cultural, sob muitos aspectos o menos doloroso, da literatura.

A escassez de grafias, a falta de editoras de um porte razoável, constitui os maiores problemas. O escritor vê-se com um reduzido público estrangeiro, já que, quando se escreve em língua africana, paradoxalmente, confrontado a problemas parecidos. Os seus textos podem ser apreciados por um número cada vez maior de leitores, de todas as condições sociais, entretanto, o seu poder de sedução encontra-se restrito pelo alcance da própria língua.

Assim sendo, os autores orais africanos da atualidade padecem com a ausência de um repertório africano diversificado e, em razão disso, sofreram as consequências. Em respeito à tradição oral, uma proporção relevante de autores e contadores são mulheres; dotadas de formidável domínio sobre a palavra dita e de uma bela virtuosidade ilustrativa tanto em poesia quanto na narrativa.

A seguir, o caminho de resistência e construção da identidade Angolana.

A literatura de resistência e a identidade angolana

É notório que a literatura através dos tempos, sempre possuiu valor e importante função social, como já dizia o poeta clássico Horácio, por exemplo,

“ensinar e deleitar”. Nos tempos em que vivemos hoje, o que fica escondido por detrás desse sistema, o que fica ofuscado pelo brilho do saber. Ela serve para tirar o homem do seu local de comodismo, serve para ajudar-nos a ler a sociedade na qual estamos inseridos, além de ser a válvula de escape que o homem tem para se abster, por um momento que seja do sistema opressivo e maçante do qual faz parte.

A chegada portuguesa em terras angolanas data-se em 1482. Aproveitando-se dos conflitos pré-existentes dos reinos daquela região, os portugueses aliaram-se com o Reino de Congo. Aos poucos Angola passou a crescer como fornecedora de escravos para a agricultura brasileira,

Após o fim do tráfico de escravos para o Brasil, inicia-se uma exploração do interior da região angolana, como resposta a menção de outros países europeus de conquista e exploração das terras angolanas. Como consequência da colonização a cultura nativa foi sendo inferiorizada e substituída gradualmente pela cultura portuguesa. Mesmo no início do séc. XIX, com as mudanças políticas em Portugal, o colonialismo perdurava em Angola.

[...] O colonialismo demográfico em contexto africano foi *plasmadon* pelo processo de luta e de negociação entre quatro elementos principais: o estado central metropolitano, que exercia a soberania política sobre a colônia; o Estado colonial, que era responsável *in loco* pela administração e manutenção da ordem e da autoridade; a população colonizada, em particular as elites europeizadas, que pretendia a supressão das estruturas de dominação; a comunidade de colonos brancos que almejava o controle da economia, da sociedade e administração (PIMENTA, 2012, p.224).

O colonialismo demográfico é uma forma ou subtipo de colonialismo que tem como objetivo a reprodução da sociedade colonizadora num dado território submetido ao domínio colonial de uma potência externa, independentemente da existência de populações e culturas indígenas nesse local. De resto, a colonização é feita muitas das vezes à custa da eliminação parcial ou total das populações indígenas, que podem ser suprimidas de forma violenta, expulsas para regiões inóspitas e adstritas a reservas ou, mais raramente, assimiladas ao grupo colonizador.

Como tal, o colonialismo demográfico é caracterizado pelo povoamento e ocupação permanente do espaço colonial por uma população colonizadora e não apenas pela exploração dos seus recursos econômicos. Esta é, aliás, a principal diferença entre uma colônia de povoamento e uma colônia comercial ou de exploração (KRAUTWURST, 2003).

As vozes de resistência, antes do séc. XIX ecoavam tímidas. A partir do século XIX, inicia-se um desenvolvimento econômico com a produção de alguns produtos para exportação, e conseqüentemente, surgem, movimentos de independência, foi criado, dessa maneira, um cenário artístico mais engajado. Na literatura, aos poucos, a cultura angolana passou a ser resgatada, começaram a surgir poemas escritos em língua crioula, poemas enaltecendo sua cultura nativa, poemas com características nacionalistas no geral. Mesmo durante o silêncio do período ditatorial, alguns sussurros eram ouvidos clamando por liberdade.

Quanto mais decorria o século XIX, mais a questão da identidade angolana ganhava força e prioridade. O gradual desvinculamento de Portugal, a luta diária do homem angolano, a língua e o reconhecimento e valorização racial do homem negro, como maior parte do homem angolano, são questões que passam a ser discutidas e repensadas durante esse século de transição.

Paiva (2012) ressalta que com a chegada de Salazar ao poder, em Portugal, na primeira metade do século XIX, as vozes que se opunham ao regime eram silenciadas, a literatura engajada passou, assim, por quase uma década de inatividade.

Na segunda metade do século XIX, inicia-se a luta armada contra a colonização, como a UPA, UNITA e a MPLA, e com a derrubada da ditadura em Angola tem a oportunidade de negociar a sua independência. Aflora-se, com a independência, o sentimento de reconhecimento de identidade nacional.

“Assim, a busca de identidade, agora, passa, necessariamente, pela recuperação de certos valores autóctones de raízes específicas para o estabelecimento de novas negociações: seja para tentar regatar a tradição, seja para tentar construir uma nova tradição, buscando através da derrubada ou resgates de mitos, uma ideia mais próxima daquilo o que é, contemporaneamente, o homem e a nação.”
(TUTIKIAN, 2006, p. 37)

Considerando alguns escritores de resistência, durante o processo de luta pela independência e durante o vigente processo de valorização da cultura angolana, temos Boaventura Silva Cardoso, Agostinho Neto, Deolinda Rodríguez, Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, Pepetela, entre outros que têm grande relevância para a construção literária do povo angolano.

Na próxima seção, seguiremos com algumas questões pontuais sobre nossa análise proposta do ponto de vista teórico-metodológico.

Mayombe e os ideais de libertação

Pepetela sempre buscou representar por meio da literatura o homem angolano, acentuando suas tradições e características particulares. O autor, em seus escritos, particularmente em *Mayombe*, aborda situações ocorridas no contexto da guerra, assim como em outros países, o racismo, o tribalismo, a etnia, o sexismo, a identidade, o oportunismo eram questões apontadas na literatura, questões estas que afetaram a libertação da nação angolana, a luta pelo socialismo.

Eis uma passagem que aborda sobre a construção do indivíduo, visando à identidade e a reflexão dos ideais de libertação, pois nesse momento apresenta-se um conflito étnico, buscando libertar os valores e tradições em situação que o multiculturalismo e a pluralidade social já se encontravam presente.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para

quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me sim ou não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o mundo é geralmente maniqueísta (PEPETELA, 2013).

Ou seja, o povo Angolano não deixou de sonhar, de lutar por um país livre e renovado, contudo para a maturidade dessa gente foi necessário passar pela experiência dos principais valores de um país.

O discurso é retomado na literatura escrita, no qual apresenta formato novo e uma nova estética, preservando a cultura do povo angolano das estórias contadas. Sérgio Adolfo (1992) aborda sobre a estética do movimento, de modo a negar o dogmatismo e propor a dinâmica, sempre de forma dialógica, não com um único discurso, mas com discurso voltado para a reflexão.

Segundo Pepetela, a luta travada das guerrilhas de libertação não é puramente racial, mas principalmente ideológica, ou seja, defendia a teoria de que se lutava em busca de progresso do sujeito e não contra as ideologias. A luta do povo angolano compreende-se no campo geopolítico, obtendo duas grandes potências da época EUA e URSS em que colaboraram na consolidação material e da identidade de grupos.

Mayombe se detém em registrar fundamentalmente o funcionamento dos movimentos de libertação, mostrando as dificuldades enfrentadas pelos mesmos. Opta, particularmente, por descrever um grupo cujo pressuposto ideológico é a bandeira do marxismo-leninismo, fato que o vincula historicamente ao MPLA – Movimento Popular pela Libertação de Angola –, organismo político do qual fizera parte Pepetela. Segundo depoimento do escritor, a criação de Mayombe surge de um comunicado de guerra que lhe cabia escrever para os membros daquele agrupamento político. (FORNOS, 2016, p.48)

A passagem acima implica reconhecer a importância intelectual e social do autor para o cenário político e cultural angolano. Considerando a noção de tempo e espaço, Angola, situada na região do governo português, haveria de ser libertada dos movimentos que detinham o poder internacional. Angola se liberta de um colonialismo, que era voltado para inúmeras situações de violências e de negações diversas, político, social, cultural, nível econômico que pode ser apontado como um conjunto de explorações.

A libertação de Angola, por meio da obra *Mayombe*, é representada por várias interpretações e criação da história, retirando verdades e justificando por qual necessidade a guerra existiu para a formação, pois a escolha de luta de um povo por seu território é a libertação do colonizador e a criação de uma nação. Os movimentos de luta, resistência e libertação de Angola forma formalmente constituídos entre as décadas de 1950 e 1960, esses movimentos apresentam uma divergência assinalável, tanto pela sua tripartição, tanto pelo de serem lutas armadas que de imediato não chegaram ensinar a luta comum contra o poder colonial.

Existindo um pós-guerra logo após a independência de Angola, os movimentos: MPLA- Movimento Popular de Libertação da Angola; UNITA-

União para Libertação Total de Angola e FNLA – Frente Nacional para Libertação de Angola, já miravam a proteção das minorias e o desenvolvimento do país.

Com tudo isso, hoje, sabe-se que a libertação de um território é a luta pela identidade de um povo em que implica na libertação cultural e também os ideais de cada um dos movimentos envolvidos que defendem as causas nacionalistas. E a literatura por ser universal exerce uma forte influência sobre a história de um país, tem como objetivo de alvoraçar o povo na luta pela afirmação nacional. Em Angola não foi diferente as intensas lutas pela libertação da identidade de um povo pretendiam impulsionar o nacionalismo e o orgulho nacional para a aquisição da libertação.

A Geração da Utopia e a formação social de Angola

Em *A Geração da Utopia* os personagens discutem que tipo de capitalismo e de empresariado (elite) se poderia formar em um país frágil, como Angola, que tinha acabado de conquistar a sua independência e era um país pacífico. Jovens cheios de sonhos e que acreditavam no poder deste, como ferramenta de libertação de seu povo. Povo sofrido com a pobreza, miséria e uma desigualdade social extensa. Em meio a tudo isso, Angola tenta se reinventar, pelas mãos dos seus jovens com ideais revolucionários.

Entretanto, a formação social do país aconteceu bem diferente do que se pensou e acabou tomando uma dimensão política, histórica e social utópica. Surgiram os movimentos nacionalistas que acabaram afetando não tão positivamente o processo de independência e da própria construção da democracia, bem como outras variáveis como: a crescente militarização do país, o papel das elites sociais, a ingerência dos países vizinhos à própria diversidade étnica e a formação das lideranças.

As primeiras organizações de caráter político - e foram muitas - começaram a surgir na primeira metade do século XX. Dentre eles destacam-se: MDI- Movimento para defesa dos interesses de Angola; UPA- União das populações de Angola e o MPLA- Movimento popular de libertação de Angola, que no intercurso da emancipação passou a se chamar MPLA-PT - Movimento popular de libertação de Angola – Partido dos trabalhadores. Este formado na sua última fase em 1960 e era fruto de muitas alianças partidárias, onde podemos observar como a África Austral estava solidária a luta pela liberdade de Angola, como afirma RIBEIRO, (2007).

É claro que a sociedade civil angolana tem uma história antiga e uma recente. Uma história antiga, por que a independência não é grau zero da política em Angola, nem mesmo o nacionalismo moderno dos anos 50/60 que conduziu a luta armada da libertação nacional. A história antiga tem a ver com a história do movimento associativo angolano, cujas origens se podem situar em meados do século XIX com as associações culturais e os movimentos corporativos e mutualistas angolanos que davam corpo afirmação do direito da cidadania dos africanos nos anos 30 que prolongou até o século XX mesmo após a declaração de Londres (1960) que indicava passagem da ação direta, ou seja, a luta armada de libertação nacional. A história mais recente de vê-la como “renascer” do movimento associativo, como afirmação da sua autonomia e da sua legitimidade

de intervenção no espaço público, depois dos movimentos de libertação terem sonogado o espaço público criado no contexto do Estado colonial, ao assumirem-se como partidos e nação (BÊNOIT, apud, PESTANA, 2003, p.03).

Nesse trecho fica evidente o grande número de grupos políticos presentes na formação, emancipação e pós-independência de Angola, o que possibilitou um grande volume de intercorrências e ideias diversas gerando conflitos bastante significativos que influenciaram e tiveram bastante relevância na formação social deste país.

Outro fator curioso é a multiplicidade étnica que gerou muitas divergências e segregação entre os grupos. Podemos até mesmo fazer uma correlação entre os dois livros do Pepetela, *Mayombe* e *A Geração da utopia*, que discorrem sobre esses conflitos por perspectivas diferentes, mas que no final geram reflexões pertinentes. Em *Mayombe* ele desconstrói aquela ideia romantizada e mostra os personagens como seres humanos, comuns e falhos, cheios de imperfeições, ou seja, os guerrilheiros que lutam pela libertação de seu país não são vistos como heróis e sim como pessoas comuns.

Em *Mayombe*, os conflitos e problemas internos do grupo que tenta criar a nação independente são latentes. O principal deles é o “tribalismo”, como os próprios personagens denominam. Ainda que engajados na mesma luta, as origens étnicas de cada indivíduo-soldado são o elemento central de suas reflexões pessoais. Essas reflexões são realizadas na forma de monólogos. Cada personagem alcança a voz narrativa nestes momentos individuais, e quando isso acontece se percebe a dificuldade de se consolidar um projeto comum já que eles se julgam pelo crivo étnico, mesmo que o discurso oficial do MPLA negue o tribalismo.

Esse discurso oficial do MPLA, ou seja, de que o “tribalismo” deve ser extinto, é o discurso do narrador. *Mayombe* foi escrito durante as guerrilhas pela independência na fronteira angolano-congolesa, quando Pepetela servia no MPLA, em 1973. Ele, engajado na luta pela independência, percebia-a capaz de abolir as diferenças étnicas e abrir possibilidades para a construção de um sentido de coletividade para Angola. Para Pepetela o crivo étnico se resolve com a luta pela libertação.

Depois de todos os problemas que o “tribalismo” cria no enredo, na batalha final, o problema é resolvido: uns entregam a vida para salvar outros independentes. Por outro lado, *Mayombe* veio a público apenas em 1980, quase dez anos após ser escrito, e sua publicação pretendia reavivar a memória da luta e afirmar a possibilidade da nação de se efetivar. Esse livro é uma verdadeira imersão no histórico, social e humano de forma desromantizada do MPLA. Chama a atenção também para os dramas pessoais que cada personagem está envolvido.

O mesmo acontece em *A geração da utopia* em que durante quatro décadas o autor discorre sobre o rumo da vida de cada personagem, seus ideais de liberdade, seus problemas pessoais, suas crises e mudanças que acontecem durante todo esse tempo, bem como a incapacidade de lutar por um ideal comum. Dos anos 60 aos 90 ocorrem momentos diferentes do

processo sociopolítico e cultural do país, que ainda se encontra no regime de Salazar, que está no poder a 40 anos. Os jovens chegam a Portugal para estudar e acreditam piamente na luta armada como a única saída para libertar o seu povo.

Os anos passam e todos começam a lutar em causa própria. Aquele sonho vira desilusão e utopia. Tudo que acreditavam sumiu e tudo o que negavam acabou ficando evidente e fazendo cada vez mais com que o país crescesse em corrupção, desigualdade social e pobreza. Aqueles que um dia acreditaram na luta e na justiça como libertação acabaram transformando o seu país refém de seus próprios desejos, tornando-os verdadeiramente em uma geração da utopia. Assim, temos dois romances que fazem uma crítica ao tribalismo e ao racismo que acontece na sociedade angolana neste período de guerra, pois configura uma fragmentação nos ideais de uma nação mais justa e igualitária, uma vez que as relações de poder e de força serão medidas pelo pertencimento étnico, compondo uma rachadura no projeto de formação de uma identidade nacional, verdadeiramente angolana, autoral e resistente, distante dos domínios e opressão da máquina colonial.

Considerações Finais

Diante do que tecemos ao longo do texto, importa-nos conceber que no que se refere aos saberes sociais imbricados nas obras em evidência do autor Pepetela, uma obra literária se constitui como um veículo de propagação de ideias e como instrumento de denúncia e defesa de qualquer que seja a nação, sendo ela uma das grandes responsáveis pela propagação do desejo de pensar-se um espírito nacional e democrático.

A verdadeira literatura deve sempre se comprometer com as transformações sociais, se solidarizando com o projeto emancipador, crítico e reflexivo, engajando-se na luta por justiça e liberdade.

A literatura que deseja pensar a formação de uma identidade nacional tem como protagonista de seus textos a população comum, sofrida, excluída da ordem e do progresso social, que sobrevive no anonimato e na marginalidade, mas que constrói sua subjetividade a partir dos resíduos, das sobras, e que luta com dificuldades por uma sobrevivência digna e honesta.

Assim, procuramos apresentar a premissa de que é necessário pensarmos toda identidade como uma construção simbólica, ou seja, não existe uma forma autêntica e única, mas uma pluralidade de subjetivações, construídas ao longo da história e por grupos sociais diferentes, e que esta multiplicidade se faz essencial para manutenção dos valores de um povo e da consciência nacional.

Entendemos, portanto, que a temática do engajamento, da resistência, da denúncia e da formação da identidade angolana expressa em *Mayombe* e em *A Geração da Utopia* em tantas obras do mesmo autor, continuará presente na literatura angolana, pois enquanto houver opressão, desigualdades sociais, falta de emprego e moradia, a literatura se fará presente tanto na exposição

desta sociedade oprimida, regada pela violência, quanto no compromisso em buscar uma melhor perspectiva de vida e inclusão social.

Pepetela, enquanto autor e ator no processo histórico do seu país consegue, através de um misto entre a subjetividade das viagens interiores de alguns personagens e a suposta objetividade de alguns aspectos da trajetória da história recente de Angola, apresentar uma leitura justamente desse processo. Isso se dá por meio de uma escrita literária que envolve o leitor pela sua eficiência produtiva em termos romanescos e históricos.

Assim, ao dialogar com a literatura e sociedade, procuramos fazer algumas aproximações teóricas com a finalidade de discutir a arte literária e o papel que esta exerce na construção de papéis sociais enquanto elemento de discursividade que carrega saberes socialmente compartilhados e que concorrem para a construção da cultura e identidade do povo angolano. Pretendemos ainda com este estudo contribuir para os estudos literários e divulgação científica.

Referências

ADOLFO, Sérgio Paulo. **A ficção de Pepetela e a formação da angolanidade**. Tese de doutorado. FCL. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP- Universidade Estadual Paulista- Campus de Assis. Assis-SP, 1992.

AUTWURST, Udo. **What is Settler Colonialism? History and Anthropology**, vol. 14, n. ° 1, p. 55-72, 2003.

CERVELLÓ, Josep, 2000, “**Conflictos en África Suroccidental: Angola**”, in **CARRERAS**, José Urbano Martínez e CAÑADA, Basilio Rodríguez (Coord.), Conflictos y Cooperación en África Actual, Madrid: SIAL e Casa de África: 105-118. Apud. A Ruralidade na Narrativa Angolana do Século XX Elemento de Construção da Nação. Tese de doutorado de Ana Lucia Lopes de Sá, 2000.

FORNOS, Jose Luís Giovanini. **Nacionalismo revolução e pós-colonialismo: o caso mayombe, de Pepetela**. UFRGS. Letras de hoje. Porto Alegre. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/luciliagloria/Downloads/614-2257-2-PB.pdf. Acesso em: 18.05.2019.

MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, N. 3. Junho de 2001.

PAIVA, Felipe. Caderno do Tempo Presente, edição n. 10, dezembro de 2012/ **Sangue do Tempo: Resistência, nacionalismo e Literatura em Angola**, 2012.

PEPETELA, **Mayombe**. São Paulo: Leya 2013.

TAVARES PIMENTA, Fernando. **Colonialismo Demográfico Português em Angola: Historiografia, Identidade e Memória**, 2012

TUTIKIAN, Jane. **Questões de identidade: a África de língua portuguesa**. Letras de hoje. Porto Alegre, 2006.

UNESCO, **História geral da África**, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília: 2010.